

Sintaxe e semântica do particípio presente

Alessandro Boechat de Medeiros*

Resumo – O objetivo deste trabalho é analisar as formas ?nte do português brasileiro usando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (MD). Essa arquitetura, creio, é a mais adequada para o tipo de problema morfológico/sintático de que pretendo tratar aqui. Nesse texto, proponho que a peça /nt/ (um item do Vocabulário, nos termos da MD) realiza não morfemas de classe de palavra, mas, como no latim, um morfema aspectual (imperfectivo) dentro da estrutura dessas formas. Este item está presente tanto nos subs-tantivos quanto nos adjetivos, tendo, possivelmente, alomorfes. No final deste artigo, proponho que, para a maioria dos adjetivos sem base verbal, a peça de vocabulário lati-na /nt/ foi reanalisada como parte da fonologia de novas raízes (derivadas diacronicamente de antigas raízes verbais do latim) que surgiram durante o desenvolvimento his-tórico do português, não tendo mais, nesses casos, nenhuma relação com morfemas de aspecto ou tempo verbal.

Palavras-chave – Particípio presente. Morfologia Distribuída. Formas nominais/adjetivas.

1. Introdução

Tradicionalmente tomada como adjetivo derivado de verbo, a forma terminada em *-nte* é produtiva em português. Aparentemente, os falantes podem criar novos adjetivos deste tipo simplesmente adicionando um sufixo adjetivador (*-nte*) a uma base verbal. O produto dessa combinação costuma

* Doutor em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Brasil). E-mail: a.boechat@brfree.com.br.

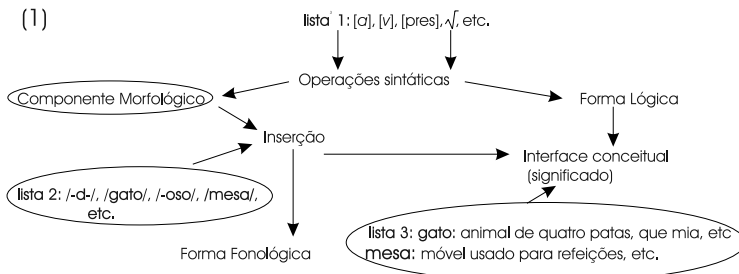
expressar propriedade inerente ou estado inconcluso, e tem como paráfrase uma oração adjetiva relativa.

Entretanto, corriqueiramente deparamos com inúmeras palavras com a mesma terminação que se comportam sintaticamente como substantivos derivados de verbos (por exemplo, *desinfetante*, *absorvente*, *militante*, *imigrante* etc.), ou que não estão ligadas a nenhum verbo em português (como *contente*, *inocente*, *paciente*) ou que possuem significados não aparentados aos significados dos verbos dos quais elas teriam derivado (por exemplo, o substantivo *corrente* [cadeia de metal], que parece derivar do verbo *correr*, mas cujo significado não parece estar relacionado ao do verbo)¹.

Nesse estudo, seguindo a arquitetura da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997, 2001), propomos um conjunto de estruturas sintáticas para caracterizar as diferenças listadas acima. Basicamente, o que defendemos é que a seqüência /nt/ realiza, nos itens derivados de verbo, não morfemas de classe de palavra (adjetivo ou substantivo), mas, como no latim², um nó aspectual (habitual/durativo) responsável pela leitura freqüentemente reiterativa/durativa do evento/estado denotado pela base verbal. Para os itens não-verbais, muitos deles derivados de verbos latinos ausentes do léxico português, propomos que o material fonológico /nt/ não realiza nó funcional algum – é, antes, na maioria dos casos, parte do material fonológico das raízes de itens como *docente* ou *paciente*. As seções a seguir apresentam um esboço da teoria e as propostas de análise para as formas arroladas acima. Como adotamos o modelo da Morfologia Distribuída, semelhanças e diferenças semânticas e morfológicas entre palavras serão explicadas, em parte, por semelhanças e diferenças entre estruturas sintáticas.

2. Esboço da teoria da Morfologia Distribuída (MD)

Dentro das correntes do gerativismo recente (anos noventa), a MD surge com uma proposta de arquitetura não lexicalista bastante distinta da adotada pelo pensamento dominante. A idéia de inserção tardia (formas fonológicas inseridas após as operações sintáticas) e o rompimento das fronteiras entre palavras e constituintes maiores são algumas das contribuições dessa forma de pensar. O esquema (1) (HARLEY; NOYER, 1999) e o texto em seguida explicam como se dá uma derivação para a MD. Nas seções posteriores usamos essas idéias para analisar as formas *-nte* apresentadas na introdução.



Na MD, a derivação começa com uma *Numeração*, uma pré-seleção de traços e pontos de inserção de raízes⁴ da lista 1 (ver acima) que serão computados pela sintaxe. Esses elementos da numeração são combinados (operações *juntar*, *mover*, *copiar*) para a formação de estruturas maiores. Os resultados das computações sintáticas são remetidos para a Forma Lógica e para o *Componente Morfológico*; este último componente é o local onde os produtos da sintaxe sofrem as *Operações Morfológicas*: *juntar*, *mover*, *copiar*, *fissionar*, *inserir*, *fundir* etc.⁵; nos nós resultantes dessas operações, os itens do vocabulário (elementos da lista 2) são inseridos. Após a inserção, tudo é remetido para as interfaces fonológica e conceitual (para a pronúncia e para a interpretação)⁶.

Quando a derivação chega à interface conceitual, a lista 3 é acionada, fornecendo os significados particulares das raízes em determinados contextos sintáticos⁷. Nessa visão, a “palavra” não é o elemento básico (o átomo) da computação sintática. Muito pelo contrário: palavras e outros tipos de constituintes são gerados por uma série de processos que ocorrem em componentes distintos da gramática, tendo como átomos os traços da lista 1. Nas seções a seguir mostramos como combinações específicas de itens da lista 1 e raízes produzem formas *-nte* substantivas e adjetivas, verbais e não-verbais, e explicam sua natureza sintático-semântica.

3. Adjetivos deverbais

Tomemos os exemplos abaixo:

- (2) *agonizante, comovente, cortante, alarmante, emocionante, corrente, convincente, claudicante, aviltante, dormente, vivente, morrente, crescente, movente, vacilante* etc.

Do ponto de vista sintático, os SDs (sintagmas determinantes) ou SNs (sintagmas nominais) concatenados com os adjetivos em (2) são quase sempre interpretados como sujeitos dos verbos de que esses adjetivos derivam (por exemplo, um *gene dominante* é um *gene que domina* o recessivo).

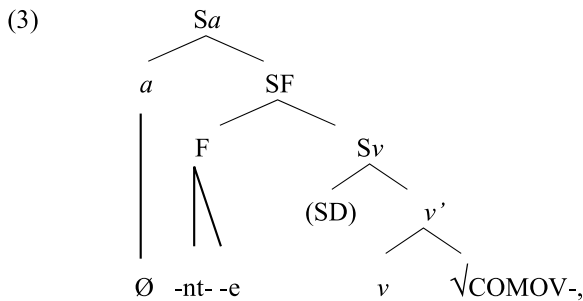
Do ponto de vista semântico, os adjetivos assim formados freqüentemente denotam, nos SDs associados, a propriedade de causador⁸ do evento/estado denotado pelo verbo interno. Dependendo do verbo de base, os adjetivos *-nte* também podem denotar um estado particular inconcluso, o estado pelo qual a entidade denotada pelo SD passa⁹.

3.1 Análises

Para explicar o fato de que os SDs ligados a esses adjetivos são quase sempre interpretados como sujeitos dos verbos de

base, a teoria assume que há, “dentro” dos itens arrolados em (2), um sintagma verbal inteiro, projetando posições para seus “argumentos”. Esse sintagma é formado pela concatenação (*merge*) de um sintagma raiz com um núcleo *verbalizador* (o *vezinho*) que, entre outras coisas, converte uma raiz categorialmente neutra numa unidade sintática de natureza verbal¹⁰. No caso dos itens de (2) baseados em verbos inergativos e transitivos, por exemplo, o *vezinho* é um feixe que projeta posição de especificador, onde o SD é interpretado.

Vamos assumir também, (como o fazem IPPOLITO, 1999, para o italiano e MARVIN, 2002, para o esloveno) que, no português, dado um *v* na *Numeração*, pelo menos um núcleo/traço flexional (de aspecto ou tempo) tem que ser dado também. Isso não é sem razão. Observe-se que muitos substantivos e adjetivos derivados de verbos em português parecem ter marcas aspectuais bem visíveis. Por exemplo, o /d/ em (dar uma) *batida* (perfectivo/télico)¹¹ ou em (ficar) *sentida* (perfectivo/resultante); o /t/ em *administrativo* (durativo?) e, também, talvez, em *produto* (perfectivo). Sendo assim, a estrutura mínima para um adjetivo como *comovente* deve ser:



onde F é um núcleo flexional aspectual e *a* é um núcleo sintático adjetivador (MARANTZ, 1999, 2001).

Na estrutura (3) acima, propomos que F albergue um traço de aspecto, [durativo]. O traço albergado por esse núcleo faz com que o tempo do evento denotado pela estrutura verbal abaixo dele seja interpretado como *contendo* um tempo de referência não fixo ($t_r \subseteq t_e$). Isso significa que o evento (ou estado) repete-se por (ou dura) um intervalo de tempo que pode conter o tempo da fala (o *speech time*) ou outro tempo/intervalo de outro evento dentro da frase.

Na estrutura (3) também propomos que um adjetivador sintático, fonologicamente nulo¹², seja concatenado com o sintagma flexional SF. Esse categorizador converte a estrutura verbal em adjetivo, e, semanticamente, é com essa concatenação que a estrutura passa a ter uma função descritiva em relação a seu SD.

Observe-se que é possível mostrar passo a passo as contribuições de cada um dos traços na árvore (3). Tomemos uma raiz associada a um verbo psicológico com causação externa: $\sqrt{\text{EMPOLG}}$ -. Primeiro, essa raiz combina-se com um núcleo *vezinho*, que verbaliza a raiz e projeta posição para argumento externo, onde é inserido um SD. Nestas primeiras concatenações, o significado da raiz é negociado com a Enciclopédia (no ambiente definido pelo categorizador *v*), e o SD é interpretado como causador (externo) de um estado psicológico. O sintagma verbal (*Sv*), formado pelas concatenações anteriores, concatena-se com o núcleo aspectual F, e o evento denotado por ele é interpretado reiterativamente. O SD especificador do *Sv*, portanto, é o causador de um evento (de *empolgar*) que se repete. Quando o adjetivador é combinado à estrutura verbal, causar repetidas vezes (ou habitualmente) o evento de *empolgar* passa a ser interpretado como propriedade do SD, que é, assim, “descrito” pelo adjetivo.

Portanto, nessa visão, a única parcela semanticamente idiossincrásica é a que diz respeito ao significado da raiz no

contexto verbal mais interno (se é de causação externa ou não e que estado psicológico particular ela denota). Tudo que é combinado à estrutura verbal só contribui *composicionalmente* para o significado total do adjetivo¹³: em *empolgante*, por exemplo, a parte idiossincrásica é a que diz respeito ao significado da raiz no ambiente verbal; o núcleo aspectual e o adjetivador contribuem sem causar mudança na interpretação do verbo *empolgar*, mais baixo na árvore.

4. Substantivos deverbais

Sem fazer muito esforço de memória, é possível montar uma lista razoavelmente grande de substantivos deverbais terminados em *-nte*.

(4) *absorvente, acompanhante, ajudante, alvejante, amante, assaltante, atacante, dirigente, oponente, presidente, pretendente, visitante.*

Todos os itens em (4) são substantivos que denotam os sujeitos de seus verbos internos: o *absorvente* é o objeto que *absorve* (utensílio de higiene); o *assaltante* é aquele que *assalta*...

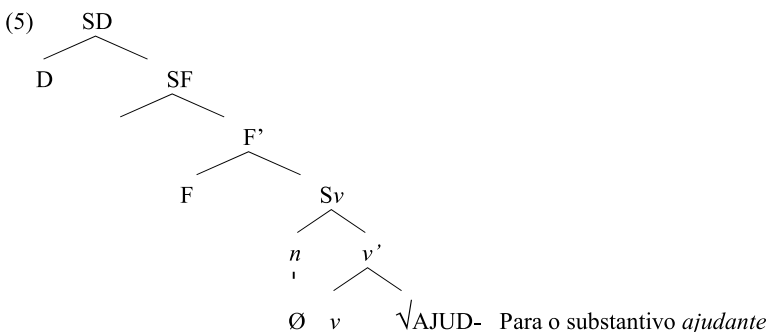
Da mesma forma que os adjetivos deverbais *-nte*, os eventos denotados pelas estruturas verbais que compõem esses substantivos são, com frequência, interpretados reiterativamente. Por exemplo, o *ajudante*, o *assistente* e o *comandante* são pessoas cujas, digamos, “profissões” são, respectivamente, *ajudar*, *assistir* (auxiliar administrativamente), *comandar* (dentro da hierarquia militar); o *amante* é aquele com quem se tem encontros amorosos habitualmente.

4.1 Análises

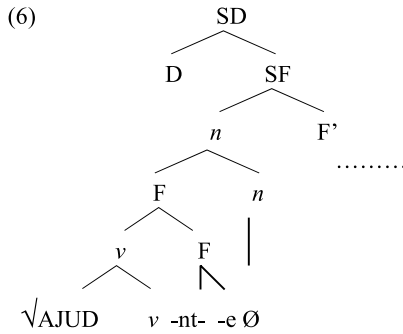
Tendo em vista a interpretação reiterativa/durativa dos eventos que compõem a semântica dos itens em (4), propo-

mos que o traço aspectual envolvido na estrutura deles seja o mesmo [durativo] presente nos adjetivos em (2).

Para dar conta do fato de que esses substantivos são sempre interpretados como sujeitos dos verbos que os compõem, seguiremos Marvin (2002), que, para nomes agentivos no esloveno, propõe que um núcleo nominalizador (*enezinho*) seja combinado como especificador do sintagma verbal de que deriva o substantivo. A estrutura verbal assim formada é concatenada com o núcleo aspectual e o sintagma flexional gerado nessa concatenação é combinado com um determinante que “nominaliza” a estrutura verbal formada¹⁴. A árvore em (5) exemplifica a idéia:



Para que os morfemas sejam linearizados de modo que reflitam o que encontramos na língua, um conjunto de operações se aplica. A primeira delas é o movimento de *n* para a posição de especificador do SF. Isso se dá devido à necessidade de satisfazer à propriedade predicadora deste núcleo. Após a subida de *n*, que é um *movimento sintático*, acontecem as *concatenações morfológicas*, que envolvem movimento de núcleo. A primeira concatenação é a que adjunge o complexo raiz+v ao núcleo aspectual F; a segunda é a que adjunge raiz+v+F a *n*. Com isso, a estrutura morfológica desses substantivos é (6) abaixo:



5. Adjetivos e substantivos não verbais

Os dois últimos grupos de que tratamos neste pequeno estudo reúnem substantivos e adjetivos que parecem não ter ligação com verbo algum existente em português (nem têm significado verbal) ou, quando os verbos existem, parecem não ter conexão semântica com eles. Vejamos os exemplos abaixo:

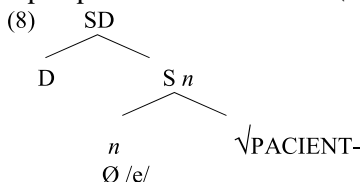
(7) Nomes: *gigante*, *corrente*, *ambulante*, *docente*, *coeficiente*, *paciente* etc. Adjetivos: *competente*, *coerente*, *elegante*, *galante*, *paciente*, *clemente*, *decente*, *inocente*, *contente* etc.

Gigante, por exemplo, que significado verbal teria? A *corrente* não é algo corre. Os vendedores de rua são chamados de *ambulantes* porque *ambulam*? O fato de uma pessoa competir não a torna *competente*. Que verbo faz alguém ser *decente*? E *clemente*?

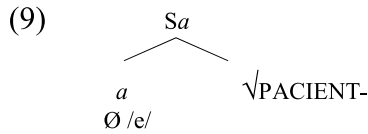
Em vista desses fatos e das análises propostas anteriormente, a pergunta que se coloca é: é possível, como foi feito nas seções acima, separar, nos itens de (7), raízes (verbais) de uma seqüência fonológica (/nt/) associada à informação aspectual? Ou será que, nesses casos, a raiz (que não tem relação com verbo algum) é tal que a seqüência /nt/ é parte dela?

Nos itens de (7), é muito difícil crer que os falantes do português, hoje, isolem de palavras como *clemente* uma raiz

√CLEM(E), a qual se combina o /nt/ realizando um núcleo funcional qualquer. Em que outro contexto essa raiz aparece? O mesmo raciocínio vale para *paciente* (cuja origem Latina é a palavra *patiens -entis*, particípio presente de *patior* [sofrer; ser passivo]), para *inocente* (prefixo de negação combinado à raiz do verbo estativo *nocere* [ser nocivo] no particípio presente), para *competente* (do verbo latino *competo* [buscar simultaneamente]), e assim por diante. No caso de *paciente*, por exemplo, qual seria a raiz? √PAT(I)? Onde mais essa raiz aparece? Com o desaparecimento dos verbos correspondentes, os significados verbais originais dos particípios latinos perderam-se com eles, ainda que as formas *-nte* tenham sobrevivido como adjetivos e substantivos. Já que as crianças, no estado atual da língua, não recebem evidência suficiente para identificar uma raiz que exclua a terminação *-nte*, podemos concluir que, para provavelmente a grande maioria dos falantes do português moderno, o material fonológico de raízes de palavras como *paciente* é constituído não só pela raiz do verbo latino original, mas também pelo expoente fonológico /nt/ que realizava a flexão de particípio presente. Como em (8) abaixo:



Em (8), *n* é fonologicamente nulo. No contexto nominal, a raiz ganha uma especificação de significado: “pessoa sob cuidados médicos; doente”. No contexto adjetivador abaixo, a raiz ganha outra especificação de significado: “resignado, tolerante, passivo, manso”. Ambos os significados estão relacionadas à idéia de passividade, provavelmente a parte correspondente ao conteúdo semântico básico da raiz, que expressa um estado.



Um outro caso interessante envolve o substantivo *corrente*. Referindo-se à água do rio que *corre* ou ao conjunto de idéias que *correm* numa determinada época (*as correntes de pensamento da época*, por exemplo), a palavra *corrente* tem a estrutura (5) acima, sendo seu significado derivado do verbo *correr*. Mas não é o caso da *corrente* feita cadeias de metal usada para, entre outras coisas, trancar portões e amarrar objetos pesados. Qual seria a composição deste significado? A primeira coisa que nos ocorre, supondo a visibilidade da raiz do verbo *correr* ainda nesse contexto, é que este significado é o resultado de uma negociação entre esta raiz, $\sqrt{\text{CORR-}}$, que denota um modo de movimento, e um nominalizador. O problema é que parece improvável qualquer relação de significado entre a palavra *corrente* (que denota uma entidade) e um modo de movimento. O que pode ter acontecido é que, em estágios pregressos da língua, a palavra *corrente* tivesse a estrutura (5) acima, denotando a coisa que *corre através de cadeias ou em torno de polias*. Aos poucos a palavra foi ficando tão idiomatizada que perdeu sua relação com o verbo *correr* e com a raiz $\sqrt{\text{CORR-}}$. Hoje, há uma raiz $\sqrt{\text{CORRENT-}}$, que basicamente denota “entidade” e, nominalizada, ganha, na Enciclopédia, o significado de “cadeia de metal”, usada com certas finalidades que só ocasionalmente têm relação com a atividade de correr.

6. Conclusões

No latim as formas terminadas em *-ns*, *-ntis* pertenciam à classe dos adjetivos derivados de verbo. Do ponto de vista

sintático-semântico, eram adjetivos que atribuíam às entidades modificadas por eles uma ação no tempo presente ou uma ação contemporânea à ação denotada por outro verbo. Ao contrário do particípio passado, essas formas participiais, rotuladas tradicionalmente de *particípio presente*, estavam associadas à voz ativa dos verbos de que derivavam.

Procuramos mostrar neste trabalho, entre outras coisas, que as formas *-nte* do português, historicamente derivadas do particípio presente latino, preservaram muitas de suas características, ainda que, ao longo do tempo, seu “valor” nominal tenha crescido em relação a seu “valor” verbal. Ademais, como era de se esperar, mostramos também que muitas palavras originalmente participiais no latim perderam essas características uma vez que seus verbos de base não mais faziam parte do léxico de gerações e gerações de falantes. Re-analisadas, seus significados se distanciaram dos significados (composicionais) originais, e o material fonológico associado à informação aspectual foi absorvido por novas raízes que, nesse processo, surgiram.

Notas

¹ Não incluímos aqui as preposições (?) *durante*, *mediante*, *consoante* etc., nem o advérbio *bastante*.

² Ver Embick (2000).

³ Aqui, *a* e *v* são morfemas/traços categorizadores (de adjetivo e verbo, respectivamente); $\sqrt{\quad}$ é um “container” que recebe raiz fonológica na inserção; [pres] é o morfema/traço de tempo presente etc.

⁴ Esses pontos são como “containeres vazios”, lugares onde serão inseridas as raízes (após a derivação sintática).

⁵ Por exemplo, a *inserção* de nós de concordância (Halle & Marantz [1994]) sob alguns tipos de terminais sintáticos, como os de tempo verbal ou o núcleo adjetivador (*a*) no português. E a *cópia* dos traços Φ de um sintagma determinante próximo “feita” por esse nó. *Inserir* e *Copiar* são

exemplos de operações ocorridas no Componente Morfológico.

- ⁶ A interface fonológica informa a pronúncia das peças e a interface conceitual informa sua leitura semântica. Isso quer dizer que esses dois componentes não são gerativos, mas apenas interpretativos.
- ⁷ Por exemplo, no contexto de morfemas categorizadores, com o *v* ou o *n*.
- ⁸ Por exemplo, *a notícia alarmante* é a notícia cuja natureza é tal que ela causa alarme em quem a ouve; *o argumento convincente* é um argumento cuja natureza é tal que ele causa uma mudança de pensamento (convencimento) em relação a determinado tema.
- ⁹ Por exemplo, o *animal agonizante* é o *animal* que *agoniza*, que passa pelo estado de agonia (estado inconcluso).
- ¹⁰ Embick (2000) propõe que o *vezinho* seja um feixe de traços que combina [+AG], [-AG], [+Ext] e [-Ext]. Raízes de verbos agentivos/transitivos como *construir*, por exemplo, seriam licenciadas como complemento do *v* {[+AG], [+Ext]}, que projeta posição de argumento externo e para o qual o SD que ocupa essa posição é interpretado como agente. Raízes associadas a verbos inacusativos, por exemplo, seriam licenciadas no complemento de {[-AG], [-Ext]}.
- ¹¹ Ver Ippolito (1999) para uma construção idêntica em italiano.
- ¹² A teoria nos autoriza a propor um adjetivador (*azinho*) fonologicamente nulo com base no fato de que existem adjetivadores como *-oso*, *-ico*, *-udo* dotados de substância fonológica.
- ¹³ A análise acima está em consonância com as propostas encontradas em Marantz (2001) para a formação de palavras. No texto, resumindo, Marantz propõe que a derivação de palavras se dê por *fases* (Chomsky 1999), com o *spell-out* acontecendo a cada anexação de morfema categorizador (*n*, *v* ou *a*) a uma estrutura. Na primeira anexação de morfema categorizador (digamos *x*) à raiz, o significado (idiosincrásico) dessa raiz e sua pronúncia são especificados; a partir daí, tudo que for concatenado com *x* tem que levar em consideração significado e pronúncia já negociados na fase *S_x* (impenetrabilidade da fase) e só vão contribuir *composicionalmente*.
- ¹⁴ Estruturas verbais com núcleos flexionais são constantemente nominalizadas em português por processo semelhante. Por exemplo, quando dizemos *cantar me faz bem*, aparentemente o que acontece é que um verbo no infinitivo (com o nó flexional [-finito]) entra num contexto em que é interpretado sintaticamente como substantivo. Possivelmente, um D fonologicamente nulo, combinado com o verbo no infinitivo, cria o contexto necessário à interpretação nominal.

Syntax and semantics of present participles

Abstract – The purpose of this paper is to analyze Brazilian Portuguese nte-forms, traditionally called present participles, in the framework of Distributed Morphology (DM). This framework, I believe, is the most proper for the sort of morphological/syntactical issue I address here. In this paper, I propose that the phonological piece /nt/ (a Vocabulary item in DM's terms) spells-out not category morphemes, but, like in Latin, an aspectual morpheme (durative) inside the structure of the nte-words. This piece is present both in nte-nouns and adjectives, having, possibly, allomorphs. In the end of the paper, I propose that, for most nte-adjectives and nouns with no verbal basis, the /nt/ Latin Vocabulary item has been absorbed by new roots (derived from ancient Latin ?verbal? roots) which have appeared through the historical development of Portuguese, having, thus, in these cases, no connection with aspectual or tense morphemes any more.

Key words – Present Participles. Distributed Morphology. Nominal/ adjectival forms.

Referências bibliográficas

CHOMSKY, N. *Derivation by Phase*. Texto datilografado, MIT, 1999.

EMBICK, D. Features, syntax, and categories in the Latin perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge (MA), v. 31, n. 2, p. 185-230, Spr. 2000 .

HALLE, M.; Marantz, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: Hale, K.; Keyser, S.J. *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, p. 111-176, 1993.

_____; _____. Some key features of Distributed Morphology. In: Carnie, A.; Harley, H. (eds.) *Papers on phonology and morphology*. Cambridge, MA: MIT, 1994. (MIT Working Papers in Linguistics, n. 21, p. 275-288).

HARLEY, H., Noyer, R. *State-of-the-Article: Distributed Morphology*. 1999. Disponível em: <http://linguistics.arizona.edu/~hharley/PDFs/HarleyNoyerDM1999.pdf>. Consultado em: 12/03/2003.

IPPOLITO, M. On the Past Participle Morphology in Italian. In: Arregi, K.; Bruening, B.; Krause, C.; Lin, V. (eds.). *Papers on Morphology and Syntax, Cycle One*. Cambridge, MA: MIT, 1999. (MIT Working Papers in Linguistics, v.33, p. 111-137).

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: Dimitriadis, A.; Siegel, L.; et al. (eds.) *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, p. 201-225, 1997. (University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, v. 4.2).

MARANTZ, A. *Morphology as Syntax: Paradigms and the Ineffable (the Incomprehensible and Unconstructable)*. Handout, 1999.

_____. *Words*. 2001. Disponível em: <http://web.mit.edu/~marantz/Public/ALI/Handouts/>. Consultado em: 20/09/2004.

MARVIN, T. *Topics in the stress and syntax of words*. 2002. Doctoral dissertation. MIT, Cambridge, MA.

Apresentado para publicação em dezembro de 2005.

Aprovado para publicação em janeiro de 2006.